

## **CIDADANIA** No Barro Duro não existe água encanada, esgoto ou mesmo transporte público

# Desabrigados das chuvas vivem em conjunto sem infraestrutura

### ALANA FRAGA

A concretização do sonho da casa própria, realizado com a construção dos 415 imóveis na região do Barro Duro, não amenizou os problemas de infraestrutura da população que ficou desabrigada com as chuvas do ano passado. As cerca de 180 famílias beneficiadas com a obra da prefeitura, que já estão no con-

junto há quase dois meses, vivem de improvisos para contornar problemas como o da água. Neste caso, é preciso que, diariamente, um carro-pipa abasteça os tanques de algumas casas mais distantes do reservatório central do conjunto, com capacidade para 22 mil litros. A qualidade dessa água também é criticada pelos moradores.

Para conseguir água potá-

vel para beber, eles contam com a solidariedade de pessoas como seu Arlindo Bispo, 41 anos, que reside e trabalha em uma obra vizinha ao Conjunto Barro Duro. Todos os dias, Bispo recebe pessoas que vão à obra em busca da água da tubulação local. "Estou até me colocando em risco, mas o povo está sofrendo", diz seu Arlindo.

"Todos os dias a gente depende da boa vontade dos trabalhadores daí, que veem o nosso sofrimento e deixam a gente pegar água do tubo deles porque a água do carro-pipa não presta para beber", confirma a dona de casa Márcia Jesus, 30.

A Embasa justificou, em nota encaminhada pela assessoria de comunicação, que "em virtude da inexistência de sistema de abastecimento de água operado pela Embasa para abastecer Barródromo e Jardim Campo Verde e da não apresentação prévia do projeto para construção desses conjuntos habitacionais, a empresa não pôde planejar a implantação de rede distribuidora para atender esta área". Segundo a nota "a empresa estuda a possibilidade de abastecer os dois locais a partir do sistema de abastecimento de água que está sendo implantado pela Conder em obras de requalificação urbana na região".

A Secretaria de Comunicação da Prefeitura (Secom) alega que a Embasa foi comunicada sobre a necessidade do sistema de abastecimento pela construtora responsável pela obra no Barro Duro, a Pejota Construções e Terra-

planagem Ltda, e, posteriormente, pela Superintendência de Conservação e Obras Públicas (Sucop). A TARDE solicitou cópia dos documentos, mas a Secom informou que não seria possível disponibilizá-las ontem.

### Esgoto

Uma fossa improvisada foi construída para o descarte de dejetos do conjunto. Com as chuvas, parte do terreno onde fica a fossa desabou. Técnicos da prefeitura faziam reparos no local, ontem. "Foi tudo feito de maneira precária, a fossa estourou e ficaram os dejetos expostos", diz o morador Marcos Alange. As ruas do conjunto também não têm bocas-de-lobo para o escoamento da água pluvial.

De acordo com o membro da Câmara de Engenharia Civil do Crea-BA, Edson Luiz do Nascimento, qualquer projeto de empreendimento deve ter saneamento básico, rede

de esgoto sanitário e abastecimento de água. "Não tendo sistema de abastecimento no local, o construtor tem que solicitar da Embasa, que é a responsável por esse tipo de demanda. O projeto só tem viabilidade se tiver rede de água e esgoto", explica o engenheiro, ressaltando que, em casos de empreendimentos particulares, o projeto pode até mesmo não ser aprovado pela prefeitura por conta da ausência de planejamento da rede sanitária.



## Moradores têm vida de restrições e sacrifícios

O novo lar no Barro Duro obrigou muitas crianças a abandonarem escolas e outros tantos adultos a largarem ou mudarem de emprego. Dois dos cinco filhos da dona de casa Andréa Ferreira, 33 anos, um de 7 e outro de 10 anos, estão sem estudar por falta de transporte ou escolas próximas. “Os outros estão fazendo rodízio, vão três dias, faltam dois, ou ficam em casa de parentes. Não temos como pagar dois transportes de ida e dois de volta para cada um”, explica Andréa.

Um levantamento realizado pelo morador Marcos Alange, para ser entregue à Secretaria Municipal de Educação (Secult), contabiliza cerca de 200 crianças vivendo no conjunto habitacional. Apenas 10% (20) continuam na escola. “São aquelas cujos pais ainda têm condição de pagar o transporte”, relata.

A precariedade do transporte fez com que a diarista Adriana Silva, 35, abandonasse dois dias de trabalho durante a semana. “É como se a gente estivesse em uma fazenda”, descreve.

Nos dias úteis, o último ônibus que passa no local sai da Estação Mussurunga às 22h30, e, nos fins de semana, às 21h20. Para chegar ao ponto de ônibus mais próximo, os moradores precisam cami-

nhar cerca de três quilômetros sobre o barro e com iluminação precária. “Algumas pessoas ainda não fizeram a mudança para cá porque não têm transporte. Os motoristas se recusam a entrar aqui porque dizem que é perigoso, não tem segurança”, explica Marcos Alange.

### SOMA DE CIFRAS

**As 415 casas no Barro Duro foram construídas com verbas de R\$ 10,3 milhões do Ministério da Integração Nacional e mais uma contrapartida da prefeitura no valor de R\$ 5,5 milhões**

### CONTRAPARTIDA

**Pelo acordo, a contrapartida da prefeitura viria por meio de obras de infraestrutura, como iluminação pública, saneamento, rede de esgoto, pavimentação asfáltica, passeio, etc.**

### Só no futuro

O projeto do conjunto contemplava a construção de uma escola, uma creche e um posto de saúde. Segundo a Secretaria Municipal de Comunicação (Secom), o Programa de Saúde da Família avaliou que a ampliação da unidade de saúde da família do bairro de Nova Esperança atenderá melhor às demandas dos moradores de Barro Duro. A promessa é que o mapeamento das necessidades já está em andamento.

Já a Secretaria Municipal de Educação (Secult) confirmou, em nota, a existência de projeto para a construção da escola e da creche na região e garantiu que já há uma articulação “em busca de um terreno para a construção”.